

O olhar do professor no processo de aprendizagem musical

Fernanda Krüger Garcia¹

RESUMO

O presente relato de experiência trata da experiência de preparação para uma performance musical de um aluno do Projeto Prelúdio, programa de extensão em música fundado em 1982 como projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e que agora pertence ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre, tendo o propósito de oferecer educação musical para crianças e adolescentes. Essa ação de extensão inclui cursos de iniciação musical, de instrumento musical (violão, flauta doce, flauta transversal e teclado) e grupos musicais como orquestras, coros e conjuntos instrumentais. Exporei os aspectos envolvidos na aprendizagem de uma canção e nos ensaios para uma apresentação musical, além da importância da condução atenta deste processo por parte do professor.

Palavras-chave: Violão. Projeto Prelúdio. Aprendizagem musical.

Nos últimos anos, em minha atuação como docente no *Campus* Porto Alegre, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, tenho ministrado aulas de violão dentro do Projeto Prelúdio, programa de extensão em música fundado em 1982 como projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e que agora pertence ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre, tendo o propósito de oferecer educação musical para crianças e adolescentes. Historicamente, desde seu início, em 1982, o Projeto Prelúdio

caracteriza-se como uma escola livre de música; o trabalho desenvolve-se com um plano de estudos flexível no qual, a partir de um programa mínimo de conteúdos, cada aluno vai, sob a orientação dos professores, construindo seu plano de estudos, isto é, seu caminho pedagógico-artístico-musical. Por meio de atividades em pequenos e grandes grupos, o Prelúdio visa a despertar, mas também desenvolver junto a crianças e jovens, o gosto pela música, pelo fazer musical, pelo cantar e tocar com prazer. (KIEFER, 2005, p. 57).

¹ Mestre em Música. Docente de violão do IFRS - *Campus* Porto Alegre. fernanda.garcia@poa.ifrs.edu.br

O Projeto Prelúdio, contexto onde se deu a atividade que relatarei neste texto, é uma escola de música que tem uma história de 35 anos em Porto Alegre. Tem grande relevância para a educação musical local microrregional, alcançando, além de Porto Alegre, os municípios de Esteio, Alvorada, Guaíba, Viamão, entre outros da região metropolitana. Atualmente, o Projeto Prelúdio oferece os cursos de iniciação musical, violão, flauta doce, teclado e flauta transversa. Também possui sete grupos musicais: Coro Infantil, Coro Juvenil, Orquestra Infantil, Orquestra Juvenil, Conjunto de Flautas Doces, Conjunto de Violões e Conjunto de Música Popular.

A atividade exposta neste relato de experiência foi desenvolvida com o aluno Gabriel, que tinha 10 anos na época desta atividade e havia iniciado seus estudos musicais na flauta doce aos sete anos, no Projeto Prelúdio. Ele lia partitura tanto para flauta quanto para violão. O aluno gostava de tocar e costumava estudar o que era proposto. Gostava também de se apresentar em público e tinha problemas com atividades em grupo. Como tinha o aprendizado mais rápido que os outros, geralmente, acabava perdendo a paciência. Já conseguia se controlar, mas, mesmo assim, ainda tinha alguns problemas com atividades em grandes grupos, pois, além de ser um pouco ansioso e impaciente com os outros, gostava de fazer bagunça com os colegas. Na aula de violão, porém, era muito centrado e concentrado. Fazia aula individual, por não ter uma turma compatível com sua idade e desenvolvimento musical no violão. Ele participava da Orquestra Infantil e do Coro Infantil e tinha, além das aulas de flauta doce e violão, uma outra aula coletiva de Laboratório Musical (disciplina de caráter teórico prático pertencente ao currículo base do Projeto Prelúdio – todos os alunos devem fazer ou Canto em Conjunto ou Laboratório Musical). Além disso, possuía um vocabulário básico de acordes e estava iniciando o aprendizado da pestana. Gabriel lia notas em primeira posição ao violão e costumava aumentar o andamento (velocidade) ao tocar as batidas (ritmo feito pela mão direita) nas canções e precisava, na época, desenvolver mais a prática de cantar e tocar ao mesmo tempo.

A atividade eleita para este relato foi a seguinte: escolha e preparo de uma canção dentre as já tocadas ao longo do ano para a audição da semana seguinte. Ela teve a duração de três encontros. O primeiro foi a aula em si, o segundo foi o ensaio geral, logo antes da apresentação, e o terceiro foi a apresentação na audição. Os objetivos da atividade foram: obter fluência na a canção, ajudando-o a relembrar aquelas nas quais já se havia obtido uma certa autonomia nos acordes e no ritmo da “batida” (ritmo feito continuamente pela mão direita, assim chamado popularmente). Como segunda estratégia, propus que o aluno tocasse sozinho, sem o meu acompanhamento de violão. Ao invés do mesmo instrumento que ele, eu tocava um de percussão, pois assim poderia ajudá-lo a manter o andamento e o deixaria perceber que já dá conta da sua parte sozinho.

Primeiramente, propus que tocássemos a canção Cowboy fora da lei, de Raul Seixas, que foi uma das primeiras que tocamos no ano. Ele, porém, preferiu a música Família, gravada originalmente pela banda Titãs. Esta é uma música que na época estava presente em algum programa de televisão e que penso que estava mais próxima ao aluno, pela temática de sua letra. Estudamos pouco essa canção, em apenas duas aulas. Nunca havíamos a tocado do início ao fim em uma aula. Fiquei um pouco em dúvida se essa era a melhor música para preparar em uma semana para a audição, mas como os acordes eram simples e a música tinha uma estrutura repetitiva, resolvi experimentar. Tocando algumas vezes no momento inicial da aula, já seria possível perceber se a música amadureceria em tão pouco tempo. A batida que eu havia proposto em aulas anteriores, apesar de ser ritmicamente simples, deixava o aluno confuso ao tentar cantar junto. Sloboda (2008, p. 287) afirma que “a sensação de uma multidão de exigências e da impossibilidade de atendê-las todas é uma característica do começo do aprendizado em qualquer atividade (...)”. Como o aluno está tocando violão há um ano e alguns meses, apenas, é natural que fique complicado para ele cantar e tocar ao mesmo tempo: cada uma destas partes tem seu ritmo, tem suas notas e movimentos corporais, e

fazer tudo isso é algo que exige bastante esforço. Ele então sugeriu outra, talvez praticada em outro momento fora da aula, pois eu não recordava de tê-la trabalhado. Esta funcionou melhor para ele e o permitiu tentar cantar e tocar. Depois da escolha da batida, tocamos a música algumas vezes do início ao final, parando nos momentos nos quais havia dúvida sobre a quantidade de compassos ou tempos para cada acorde ou em suas posições. Notei que ele ainda não estava bem seguro do ritmo da melodia que cantaria e ele mesmo me disse que havia uma parte que ele não sabia bem. Como o tempo era curto para preparar a canção e não tínhamos outra aula inteira, resolvemos que esta parte eu cantaria sozinho e que as outras duas ele faria sem que eu cantasse junto. Em uma destas duas estrofes, percebi que ele não estava conseguindo fazer o texto se encaixar ao compasso da música. Disse a ele que estudaríamos, então, esta parte falando o texto no ritmo da melodia. Ele não entendeu, e então eu disse que faríamos um rap com a letra da música: eu falaria o texto dentro do ritmo e logo em seguida ele me imitaria. Fazendo a analogia com este estilo de música, ele logo memorizou o que antes para ele era complicado. Fez até gestos e utilizou palavras típicas do estilo enquanto repetia o que eu acabava de dizer, como, por exemplo: “A mãe morre de medo de barata, ié, arraaaam, mmm”.

Após esta etapa preparatória da aula, que ocupou basicamente 35 minutos da aula que durava 50 minutos, iniciamos o ensaio da música já na forma como iríamos tocar. Foi neste momento que eu disse a ele que eu não tocaria violão junto, para que o som dele aparecesse mais na apresentação. Fiquei com receio de que ele aumentasse muito a velocidade ou se perdesse na pulsação (isso eu não falei a ele) e assim eu comuniquei que tocaria um pandeiro meia lua em nossa música, ideia da qual ele gostou. Passamos a música três vezes do início ao final. Como a aula dele era na quarta-feira e a audição seria na segunda-feira próxima, ele teria cinco dias para ensaiar sozinho em casa, e enfatizei que, para que ele ficasse bem seguro para se apresentar, era necessário fazê-lo bastante ao longo destes poucos dias. Isso envolveria “um esforço autoconsciente por parte daquele que se compromete com o objetivo específico de tornar-se mais completo” (SLOBODA, 2008, p.7), e eu sabia que ele era capaz de se engajar desta forma. E só então fui inscrevê-lo para tocar na audição. Combinamos que na segunda-feira, às 18h30min, faríamos um ensaio geral, já que a audição seria às 19h30min.

Na segunda-feira, como combinado, nos encontramos para finalizar a música. Nosso ensaio durou 20 minutos, e conseguimos tirar as dúvidas e passar a canção do início ao final três vezes. Notei que ele havia tocado bastante em casa, pois a desenvoltura nos acordes e no ritmo tinha crescido muito. Mas ele continuava aumentando a velocidade aos poucos. Tentei segurar a velocidade no pandeiro, mas ele parecia não me escutar. Falei a ele sobre esta dificuldade que estávamos tendo, que era para ele tomar mais cuidado. Eu já havia comentado na aula anterior também, mas isso é algo bastante presente nas canções que ele toca. Quando o faz lendo partitura, em outras músicas, não costuma correr assim. Depois das três vezes que tocamos, falei a ele que pararíamos ali, pois eu tinha que ir afinar o violão dos outros alunos meus que tocariam e ver se estava tudo bem com eles. Só nos vimos novamente na hora da apresentação.

Quando o chamei ao palco, sentamos, olhamos um para o outro e ele começou a tocar. Logo antes dele, outros alunos meus tinham tocado a canção *O Sol*, da banda Jota Quest, e este aluno automaticamente começou a tocar o mesmo ritmo de batida que os outros haviam feito. Daria certo também, mas ficaria bastante diferente do que havíamos feito. Como eu achei que ele se encaixaria quando eu começasse a cantar, continuei. Porém, ele se deu conta de que não era assim e parou para me perguntar se era certa a forma como ele estava fazendo. Falei: “- Tu estás tocando o ritmo de *O Sol*...”. Mostrei para ele e aí ele se deu conta e começou a tocar. Deu tudo certo, praticamente. A única coisa que não melhorou, pois não havia melhorado nos ensaios, foi a corrida no andamento.

Este aluno observado não refletia a maioria dos alunos que tinha naquela época. Ele era engajado, gostava de tocar e de se apresentar, além de ter facilidade mecânica para tocar tanto a flauta doce quanto o violão. Ele escutava o que o professor dizia em aula e procurava trabalhar isso em casa. Vejo que, de uma aula para a outra, algumas das coisas que eu falei sobre técnica ou sobre a musicalidade já mudavam. Por exemplo: quando um aluno está iniciando o aprendizado de melodias ao violão, é muito comum que repita muito os dedos da mão direita para tocá-las, e o que é mais recomendado é que se alterne os dedos, já que assim se consegue mais fluência. Isto é bem difícil de ser mudado se o aluno não tem uma prática constante de tal aspecto. Ele necessita passar o conhecimento factual, aquilo que ele já sabe do que se trata, para um conhecimento procedimental, ou seja, algo que ele já sabe como fazer (SLOBODA, 2008), e para isso é necessário atentar aos detalhes. No caso do Gabriel, isso já estava sendo incorporado mais facilmente ao tocar dele. Eu ainda tinha que chamar a atenção, mas no mesmo instante ele já mudava a forma de usar os dedos. Ele já tinha os seus objetivos claros e estava motivado, pois já possuía a habilidade de manter estes mesmos objetivos (SLOBODA, 2008). Isso demonstra que o aluno tem confiança no que o professor diz e que está interessado no conhecimento que a aula pode gerar para ele.

Acredito que o mesmo ocorre no contexto da aula em escolas específicas de música. É imprescindível que haja um direcionamento focado naquilo que o aluno precisa. O professor precisa estar atento ao aluno e interferir no que ele faz quando for necessário, para que ele possa assimilar os novos objetos de conhecimento apresentados na aula. Essa é uma das funções essenciais do professor.

Concluindo, penso que a atividade foi efetiva, pois atingiu seus objetivos. Gabriel tocou sozinho e atingiu autonomia em sua prática musical quase que completamente. A atividade mostra a importância de o professor ser o guia consciente do aprendizado do aluno, do treino (ensaio) no momento da aula e em casa e do estabelecimento de objetivos para o aprendizado musical. Esses foram alguns motivos, basicamente, que permitiram que uma música tão pouco tocada ao longo do ano retornasse em tão pouco tempo aos dedos e à memória da criança com desenvoltura. ■

Referências

KIEFER, Nidia Beatriz Nunes. **Prelúdio: Uma proposta de educação musical – 1982-2002**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6565>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

SLOBODA, John. **A mente musical: psicologia cognitiva da música**. Tradução de Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: EDUEL, 2008.